

Plinio Godoy

Você é engenheiro elétrico. De que forma a iluminação se tornou sua principal atividade?

Iniciei meus estudos na faculdade de engenharia e tinha interesse em estagiar desde os primeiros anos. Nessa época, conhecia Robert Graumann, proprietário da Ilumatic, especializada em equipamentos pra iluminação pública, e fiz meu estágio nessa empresa. Após o estágio, desenvolvi um software para cálculos de iluminação em um escritório de projetos chamado Projelectra, com a ajuda do engenheiro Adriano Genistretti, da Philips. Estudei aspectos fotométricos, cálculos tridimensionais e relatórios de análise dos resultados, muito similares aos que hoje estão disponíveis nos softwares de mercado, porém desenvolvidos em Basic em um computador AT286. Fui contratado na sequência como Engenheiro de Aplicação do Departamento de Engenharia e Projetos de Iluminação da Philips, onde iniciei efetivamente minha carreira como profissional da área. Isso aconteceu em 1988.

Há quem defenda que apenas arquitetos devam realizar projetos de iluminação. Como você vê essa questão?

Acredito que o importante não é a formação, mas a capacidade do profissional em desenvolver sua percepção de tal forma que possa prover soluções corretas e interessantes. Acho importante a Anotação de Responsabilidade Técnica – ART, pois caracteriza um serviço técnico e de responsabilidade. A iluminação (e o agora chamado Lighting Design) é uma área onde há a convivência da arte com a técnica; o profissional apto será aquele que conseguir aliar estas duas funções com maestria.



Trabalhando com iluminação desde 1988, Plinio acredita que os lighting designers conseguiram mostrar sua importância e são reconhecidos pelo mercado

Entrevista concedida a Erlei Gobi

Em sua opinião, que tipo de formação um lighting designer deve ter?

Baseado em uma carreira de arquitetura ou engenharia. O lighting designer deve se especializar em cursos internacionais ou nacionais de qualidade, trabalhar em um bom escritório especializado e aprender muito, pois a experiência faz a diferença.

Quais foram os trabalhos mais importantes da sua carreira até hoje?

Um trabalho bastante importante foi a iluminação das fachadas do Museu do Ipiranga, um desafio interessante. Outro projeto emblemático foi a iluminação da Ponte Octávio Frias de Oliveira, em São Paulo, mais conhecida como a Ponte Estaiada, onde utilizamos o LED de maneira efetiva e efeitos RGB programáveis, uma novidade para a época.

Como você avalia o mercado hoje com relação a como ele era quando você começou?

O mercado está muito mais desenvolvido e estabelecido. Os escritórios estão se mostrando bastante competentes e há efetivamente um segmento importante na área da iluminação, além dos fabricantes, que são os lighting designers; conseguimos mostrar nossa importância, e o mercado reconhece isso.

Você é membro fundador da AsBAI. Qual sua avaliação e envolvimento com a entidade? Considera-a representativa?

A AsBAI é uma entidade importante, pois estabeleceu a presença da nossa categoria no cenário projetual. Deixamos de ser um bando de entusiastas para formarmos uma instituição que objetivava a apresentação do que fazemos de forma profissional. Acredito que, como tudo na vida, a AsBAI necessita de avanços, porém percebemos que muito já foi conquistado.

Você é sócio-proprietário de duas empresas que realizam projetos de iluminação, mas em áreas diferentes. Porque há esta divisão? Como o mercado vê isso?

Sou proprietário do escritório Godoy Luminotecnia e da Luz Urbana Engenharia. A primeira trabalha com o mercado da iluminação arquitetural e a segunda com a área da iluminação urbana. Esta divisão se deu em função do entendimento de serem mercados diferentes, com enfoque e atuações distintas. Ambas adquiriram presença em seus nichos específicos e são entendidas claramente em suas propostas. ◀